



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação Física
Licenciatura em Educação Física

Geane Pereira Cavalcante Alves

**Adaptações Educacionais na comunicação para aproximação afetiva
com aprendiz Deficiente Auditivo**

Trabalho de Conclusão de Curso

Brasília
2018

GEANE PEREIRA CAVALCANTE ALVES

**Adaptações Educacionais na comunicação para aproximação afetiva com
aprendiz Deficiente Auditivo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Graduação em
Educação Física, da Universidade de
Brasília, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Alexandre Luiz G. de Rezende

Brasília

2018

Dedicatória

Dedico esse trabalho, em especial, para os meus pais, principalmente minha mãe, que sempre participou me deu tudo de melhor para conseguir chegar na faculdade pública, mesmo com a vida tão simples. Dedico também a todos que acompanharam a minha formação, às minhas irmãs e ao meu namorado José Mateus.

Agradecimentos

Agradeço a toda minha família e meu namorado pelo apoio dado durante esses três anos e meio. Agradeço também aos professores, em especial, ao professor/orientador Alexandre Rezende, o qual me apresentou sua linha de pesquisa possibilitando realizar um trabalho sobre a prática pedagógica que levarei sempre comigo.

O tempo muito me ensinou: ensinou a amar a vida, não desistir de lutar, renascer na derrota, renunciar às palavras e pensamentos negativos, acreditar nos valores humanos, e a ser otimista. Aprendi que mais vale tentar do que recuar... Antes acreditar do que duvidar, que o que vale na vida, não é o ponto de partida e sim a nossa caminhada.

Cora Coralina

Sumário

Resumo	7
Introdução	9
Objetivos	15
Flexibilização Educacional	16
O cenário educativo	17
Ciclo de mediação.....	18
Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada.	21
Métodos	24
Resultados	27
Análise e Discussão	37
Considerações Finais	44
Referências Bibliográficas	45

Resumo

Este trabalho foi realizado em um Centro de Ensino Especial (CEE) de uma cidade satélite do DF. A seleção da escola foi feita por meio da disciplina de Estágio Supervisionado 1, na qual observou-se a ação educativa entre uma educadora e dois educandos, na qual um com deficiência auditiva (DA), sendo assim uma pesquisa pedagógica de caráter qualitativo. O educando estudava na escola e a educanda realizava atividades no período inverso em que a estudante estava matriculada no ensino regular, sendo de caráter complementar. O estudo utiliza a flexibilização educacional para descrever o processo dinâmico que envolve o educador e o educando possibilitando a criação de experiências sociais significativas que contribuam para o sucesso da aprendizagem e do desenvolvimento. Toma como referencial teórico os conceitos de Ciclo de Mediação e Experiência de Aprendizagens Mediada, por meio das teorias de Vygostky e Feuerstein, esses conceitos permitem analisar e observar problemas na situação educativas e com isso possibilita criar estratégias para possíveis soluções. Conclui-se que diante dos conceitos expostos que o educador pense e crie novas formas para a prática pedagógica para com isso efetivar a aprendizagem e a inclusão.

Palavras-Chave: Adaptações Educacionais, Deficiente Auditivo, Comunicação, Ciclo de Mediação, Experiência de Aprendizagem Mediada, Recursos Auxiliares.

Introdução

As experiências vivenciadas pelos educadores em formação nas atividades de estágio supervisionado são cruciais para uma articulação entre as teorias didáticas e a prática docente. Para além da oportunidade para desenvolver competências pedagógicas específicas, as vivências do estágio colocam o licenciando em contato com as dificuldades inerentes à prática educativa, em particular, a comunicação entre educador e aprendiz(es), como também, os desafios presentes na construção de uma educação inclusiva.

Durante o período de observação das aulas de Educação Física em uma escola de educação especial, que realiza “atendimento educacional especializado” (Decreto 7611/2011), em turno complementar, tendo em vista a utilização de medidas de apoio individualizadas, que maximizem o desenvolvimento do aprendiz e contribuam, de maneira efetiva, para a sua inclusão plena, presenciei uma situação educativa marcada pela dificuldade de comunicação entre educador e aprendiz com deficiência auditiva.

As diretrizes de estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Brasília organizam a aproximação com a realidade escolar em 3 fases sucessivas: observação, participação e atuação docente. Na fase inicial de observação, os estudantes são orientados a conviver com o ambiente escolar para se familiarizar com as diversas atividades que caracterizam a rotina dos educadores nas escolas. É um momento destinado a aprender pelo acompanhamento crítico e empático das experiências de um educador mais experiente. No regulamento de estágios da Faculdade de Educação Física da UnB divide em observação da instituição e da comunidade; coleta de dados institucionais e da comunidade; acompanhamento de atividades de ensino; análise da realidade social e da proposta pedagógica; elaboração e desenvolvimento de projeto de ensino e participação em atividades de caráter geral da instituição.

Para muitos licenciandos, é o primeiro momento em que se colocam no lugar do educador, pois, até então, sempre estiveram na posição que corresponde ao aprendiz. Equaciona-se, dessa maneira, uma das questões chaves da formação de professores, segundo o Conselho Nacional de Educação (citar o parecer da

CEB/2001), a “simetria invertida”. De acordo com o parecer da CEB/ 2001, simetria invertida faz com que o futuro professor experimente, como aluno, a prática docente.

Os licenciandos, portanto, são orientados a observar e, na medida do possível, de acordo com a abertura de cada educador, interagir com as aulas, os aprendizes, a família, outros educadores, a direção da escola e outros trabalhadores em educação.

Em uma das visitas de observação do estágio supervisionado no Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina/DF, escola pública de uma cidade satélite na periferia de Brasília, acompanhei Bruna (pseudônimo) a professora de Educação Física responsável pelo atendimento educacional especializado na natação. A turma era composta de dois aprendizes: um adulto de 28 anos, com esquizofrenia, e uma adolescente de 12 anos, com deficiência auditiva.

As experiências de aprendizagem propostas pela educadora eram “educativos” que visavam o ensino do nado livre (crawl). A expressão “educativo” é utilizada na Educação Física para se referir a atividades de iniciação esportiva, que corrigem erros na execução técnica dos movimentos. A educadora recorre a uma misto entre explicações orais e demonstrações gestuais para descrever a maneira considerada como a mais eficiente para realizar os movimentos. Após as orientações, os aprendizes devem executar os movimentos, esforçando-se para realizar os movimentos de acordo com a técnica sugerida.

Esse é o contexto no qual fomos surpreendidas, em um momento de descontração da aula, pela tentativa de uma interação social afetiva entre os aprendizes. O adulto com esquizofrenia, interessado em iniciar uma conversa com a adolescente surda, perguntou para a educadora Bruna quais eram os gestos da Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS que ele deveria utilizar para perguntar à colega qual era o seu nome.

A educadora, que tinha pouca experiência com aprendizes surdos, ainda não estava familiarizada com LIBRAS, como também, a própria aprendiz surda, ainda jovem e sem muito contato com outros surdos, também não era, necessariamente, fluente em LIBRAS. Diante de tantas barreiras de comunicação, naquele momento da aula, a educadora optou por recomendar ao adulto com esquizofrenia que deixasse a conversa para uma próxima oportunidade, e retomou as atividades com a sugestão de novos educativos.

Nesse mesmo dia, devido a abertura oferecida pela educadora, entrei na piscina para, sem abandonar a postura de observação, conseguir vivenciar a aula mais perto dos aprendizes. Ao final da aula, a adolescente surda se aproximou de mim com a intenção de conversar. Fiquei desconcertada, sem saber muito bem como poderia me comunicar com ela. Como não havia nenhum interprete de LIBRAS ou qualquer outra pessoa que pudesse auxiliar na nossa comunicação, a aula simplesmente terminou sem que conseguíssemos conversar.

Essa experiência me marcou profundamente. Fiquei tomada de um sentimento de frustração e de tristeza por não saber o que fazer. Afinal, a escola deveria ter um interprete de LIBRAS? A educadora, deveria ter pelo menos uma noção básica de LIBRAS? Deveriam ter outros recursos ou era possível recorrer a outras estratégias para contornar essa barreira de comunicação? Quais eram as opções de mediação pedagógica em uma situação desse tipo?

O presente estudo faz parte de uma linha de pesquisa e de extensão da Faculdade de Educação Física da UnB, que envolve professores e treinadores na reflexão crítica sobre o processo de mediação com estudantes para o desenvolvimento humano, por meio das experiências relacionadas com a Educação Física.

Nosso objeto de análise é a atividade educativa, do próprio educador ou de outros educadores. Preconizamos a aproximação entre o educar e o pesquisar, como responsabilidades inerentes e indissociáveis daqueles que lidam com a educação. Faz parte das atribuições do educador, refletir de forma crítica e científica sobre a sua própria atividade educativa, como uma expressão do seu compromisso com a qualidade da educação.

Adotamos a denominação “pesquisa pedagógica” para nos referirmos aos educadores que se dedicam a uma reflexão crítica sobre os diversos aspectos que influenciam a atividade educativa, sejam os relacionados com o cenário histórico, social e cultural no qual ela está inserida, sejam os afetos aos diversos processos de mediação construídos entre seus atores: professores, estudantes, família e a sociedade como um todo.

Acreditamos que todos os educandos possuem potencial para aprendizagem efetiva, logo, nos dedicamos, em um primeiro momento, a leitura crítica das contradições que marcam o contexto histórico-cultural, para identificar as condições

objetivas que cercam a educação, para, em seguida, nos dedicarmos a conhecer e interagir com os educandos para, ao longo do processo educativo, construir as estratégias metodológicas mais adequadas para flexibilização e, conseqüentemente, a individualização do processo ensino-aprendizagem.

A aprendizagem é um processo ativo, que depende do envolvimento completo do educando com atividades que representem um desafio biopsicossocial, ou seja, que coloquem em jogo o exercício de suas habilidades psicomotoras (o fazer), do seu nível de compreensão da situação (o pensar), das suas motivações pessoais (o sentir) e das possibilidades de interação com outras pessoas (o conviver), dentro de um contexto histórico-cultural que circunscreve essa experiência, confere-lhe significados e direciona a busca de soluções.

O educador, portanto, deve, em primeiro lugar, posicionar-se criticamente diante dos aspectos histórico-culturais, sócio-político e institucionais que circunscrevem a atividade educativa, de forma a reivindicar condições adequadas para que o trabalho educativo redunde em uma educação de qualidade para todos. Em um segundo momento, tão relevante como o primeiro, deve dedicar-se à busca de possibilidades educativas que superem as insuficiências conjunturais e proporcionem, aos educandos, o acesso a experiências significativas de aprendizagem.

Essa mediação, em parte política em parte pedagógica, de acordo com Vygotsky, coloca o educador em uma posição estratégica para a construção da qualidade da educação, ao mesmo tempo em que exige dele uma qualificação ampla e contínua para lidar com aspectos ora sociais, históricos ou culturais, ora psicológicos e educacionais, que estão presentes em cada uma de suas atividades educacionais.

De acordo com essa compreensão geral da atividade educativa, a pesquisa inicia com a seleção de uma situação específica, que retrate uma dificuldade¹ vivenciada na prática pelo educador, quando o ciclo de mediação é interrompido e a qualidade da atividade educativa comprometida. Esse problema pedagógico convida para uma análise teórica que contribua para busca de alternativas didáticas que garantam uma aprendizagem efetiva.

¹ É possível, também, partir da narrativa de uma experiência bem sucedida de aprendizagem, de modo a ilustrar o papel que a mediação adequada desempenha, na mobilização dos diversos atores em torno do processo de construção de conhecimentos.

A delimitação da situação educativa está fundamentada no conceito proposto por Feuerstein (1991) de “experiência de aprendizagem mediada”, o que direciona a análise do ciclo de mediação para a compreensão dos papéis de cada um dos atores, de forma a verificar se a participação direta nessa experiência social é capaz de fornecer os estímulos necessários para o desenvolvimento humano.

Após descrever a situação educativa a partir do emprego dos conceitos de: ciclo de mediação (Vygotsky) e experiência de aprendizagem mediada (Feuerstein), iniciamos a análise teórica das possibilidades educativas que o educador pode lançar mão para construir estratégias didáticas alternativas que promovam a flexibilização educacional e a individualização do processo ensino-aprendizagem.

A análise das possibilidades educativas leva em consideração, em um primeiro momento, o próprio ciclo de mediação, tais como: ajustes no processo de comunicação entre os atores, ou, modificações no conteúdo da atividade a ser desenvolvidas. Em seguida, a análise se dirige, nos casos de dificuldades para a aprendizagem, para a interpretação dos aspectos que culminaram na interrupção do ciclo de mediação, ou, no caso de uma experiência bem sucedida, para os detalhes que foram decisivos para que a aprendizagem dos educandos.

Esgotadas as questões relacionadas ao ciclo de mediação, passamos a nos dedicar à análise dos três tipos de recursos auxiliares para a mediação do processo ensino-aprendizagem, considerados por Feuerstein (1991) como critérios básicos para identificar se o educador é capaz de promover as adequações necessárias para mobilizar o educando e superar as dificuldades de aprendizagem, a saber: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade, (2) a utilização de estratégias de motivação do educando, (3) a mobilização da atenção do educando para a natureza dos problemas que caracterizam a situação educativa.

A intenção não é encontrar uma resposta específica ou indicar a melhor maneira de resolver as dificuldades para aprendizagem, mas, sugerir, como no modelo conhecido como “brainstorming”, uma série de alternativas que ampliem as opções dos educadores para lidarem com situações semelhantes. Muito mais do que fornecer uma solução, a proposta é desenvolver uma postura comprometida com a reflexão sobre a mediação educativa, de forma a capacitar os educadores a serem criativos para flexibilizar as estratégias educativas.

Como parte desse processo de construção de novas alternativas didáticas para a flexibilização do ensino-aprendizagem, convém destacar que o educador deve, na medida do possível, estar disposto a ampliar seus conhecimentos teóricos e, por meio da formação continuada, recorrer ao estudo de outras teorias que o auxiliem na busca de novas possibilidades de mediação. Em outras palavras, a capacitação do professor para lidar com as diferenças individuais é raramente algo que pode ser feito antecipadamente, até mesmo porque, não é possível antecipar quais serão as características e as necessidades dos seus educandos.

Enquanto a discussão teórica sobre a mediação para a aprendizagem que a pesquisa se propõe a fazer utiliza os conceitos de Vygotsky e Feuerstein, a “teoria” que o parágrafo anterior se refere, não tem como ser identificada de forma prévia, pois, a sua necessidade é definida a partir da análise dos dados e da caracterização da situação problema. Logo, ela não tem por objetivo fundamentar uma nova análise teórica. O seu papel é tão somente enriquecer o educador e contribuir para a construção de novas alternativas didáticas, ao sugerir possibilidades até então não consideradas.

Em síntese, o presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, de caráter qualitativo, que parte das inquietações dos próprios educadores, durante a atuação profissional ou ao acompanhar a atividade educativa de outro profissional. O objeto de estudo é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vividas pelos educadores e contribuir para ampliar as alternativas de compreensão e de solução para o desafio de promover a aprendizagem e o desenvolvimento humano. (Lankshear e Knobel, 2008).

Nos envolvemos com a atividade educativa e, a partir do momento em que uma situação em particular nos chama atenção, observamos com atenção e realizamos a sua descrição por meio de observação sistemática e do registro contínuo da atividade, aberto ao relato das percepções do observador e das percepções compartilhadas pelos atores envolvidos, de forma espontânea ou por meio de conversas informais.

A análise se restringe a uma determinada situação educativa, logo, pode ser considerada como um estudo de caso. A finalidade do estudo é contribuir para o aprimoramento da qualidade da educação, ao estimular o educador e refletir sobre os

diferentes aspectos que interferem no planejamento e na execução da atividade educativa. O interesse de estudo se volta sobre o processo de construção das alternativas didáticas, e não sobre as soluções que se mostraram eficientes nesse momento, pois, em outra situação podem ser inadequadas, mas, se o educador é capaz de repetir o processo, com certeza deve encontrar novas soluções.

Problema

O problema a ser estudado é a mediação pedagógica. Quais são as estratégias que o educador pode utilizar para lidar com a dificuldade de comunicação? Como reagir quando se observa um conflito entre desenvolver o planejamento proposto ou dedicar-se a uma interação afetiva entre e com os estudantes? Em que momentos os estudantes podem aprender mais a partir das interações entre si do que com o educador?

Sendo assim, nossa hipótese geral é que, a partir da análise do processo de mediação e da avaliação das experiências de aprendizagem mediada vivenciadas por educador e educando(s), é possível identificar diversas alternativas didáticas que demonstram a viabilidade da flexibilização educacional que ampliam a garantia de uma aprendizagem efetiva.

Objetivo

Analisar as possibilidades de adaptação do ciclo de mediação que contribuem para a construção de experiências de aprendizagem significativas para enfrentar problemas de comunicação entre educador e aprendizes e entre os aprendizes.

Flexibilização Educacional

O presente estudo faz parte da linha de pesquisa e extensão sobre a flexibilização educacional em educação física e esporte, comum aos cursos de Licenciatura e Bacharelado, desenvolvida por membros do Núcleo de Esporte da Faculdade de Educação Física da UnB. A flexibilização educacional é um conceito chave para o paradigma da Educação Inclusiva, pois, refere-se ao processo dinâmico que envolve educador e educando(s) em torno da construção de uma atividade educativa capaz de criar experiências sociais significativas que contribuam para o sucesso da aprendizagem e para a promoção do desenvolvimento humano.

Outros conceitos, tais como adequações ou adaptações, já foram utilizados no meio educacional para se referir à necessidade de o educador realizar ajustes no currículo, ou, na metodologia de ensino, ou, na avaliação da aprendizagem para atender às necessidades individuais de cada educando. Se em um primeiro momento essa demanda se confunde com o caso dos estudantes com deficiências, logo em seguida fica claro que não é possível manter a escola e o currículo inalterados, porque a individualização do processo ensino-aprendizagem é um direito de todos, independente de necessidades educativas especiais, na medida em que contribui para o enriquecimento da qualidade de ensino.

A reflexão proposta pela flexibilização educacional abrange tanto as boas práticas como as dificuldades vivenciadas pelos professores no cotidiano da atividade educativa. De acordo com os princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky, o estudo da mediação entre educador e educando(s) para construção do processo ensino-aprendizagem deve ocorrer em duas direções complementares: (1) uma voltada para as questões de caráter sociológico, relacionadas com a influência exercida pela proposta político-pedagógica, pela política educacional e pela conjuntura sócio-política na qual a escola está inserida (denominada de *cenário educativo*), e, outra, (2) voltada para as questões de caráter psicopedagógico, relacionadas com o papel e as possibilidades didáticas de ação do educador na mediação da relação entre o educando e o conhecimento a ser aprendido (denominada de *ciclo de mediação*).

No intuito de explicitar os pressupostos teórico-metodológicos a serem utilizados no estudo da flexibilização educacional da educação física e do esporte, vamos: (1) descrever os principais aspectos a serem analisados para uma

compreensão das relações existentes entre as várias esferas sociológicas do cenário educativo que interferem na ação educativa, como também, (2a) enumerar os elementos que compõem o ciclo de mediação para aprendizagem construído entre educador e educando; (2b) relacionar as estratégias auxiliares para que a comunicação entre eles transcorra sem interrupção e as trocas de saberes ocorram nas duas direções possíveis.

O cenário educativo

O educador, ao se confrontar com a tarefa de construir uma proposta pedagógica para o ensino da Educação Física ou do esporte, deve estar comprometido com a garantia da inclusão de todos os educandos. O conceito de Educação Inclusiva, de acordo com a Declaração de Salamanca, não diz respeito exclusivamente às pessoas com deficiência, mas, a concepção de uma escola capaz de educar a todas os educandos, e de educa-los juntos. Se queremos ter uma sociedade inclusiva, temos que ser capazes de construir uma escola que não separe as pessoas em função de suas características, mas, ao contrário, que promova a flexibilização curricular necessária para que todos convivam e se desenvolvam para usufruir, de forma plena, de seus direitos sociais.

Para atender a essa diretriz pedagógica, o educador deve, obrigatoriamente, refletir criticamente sobre os aspectos sociológicos do cenário educativo que circunscrevem a sua atividade educativa. Uma análise da conjuntura social e política da realidade brasileira é um passo inicial e, como parte de um posicionamento político, imprescindível, mas, ao mesmo tempo, insuficiente, pois não se trata de exigir que o educador realize uma análise sociológica, e sim, que faça uma reflexão crítica sobre os aspectos sociológicos que interferem diretamente a elaboração de sua proposta pedagógica e em sua realização efetiva dentro de um contexto escolar específico.

A discussão sociológica do cenário educativo, portanto, dentro dessa linha de pesquisa, sem descuidar da análise crítica geral das contradições que marcam a sociedade brasileira, como parte de uma economia capitalista e globalizada, na qual o Brasil se posiciona como um país emergente, volta-se para discussão dos aspectos políticos e sociais que interferem, positiva e negativamente, na execução da proposta pedagógica e no alcance dos seus objetivos em relação à flexibilização educacional.

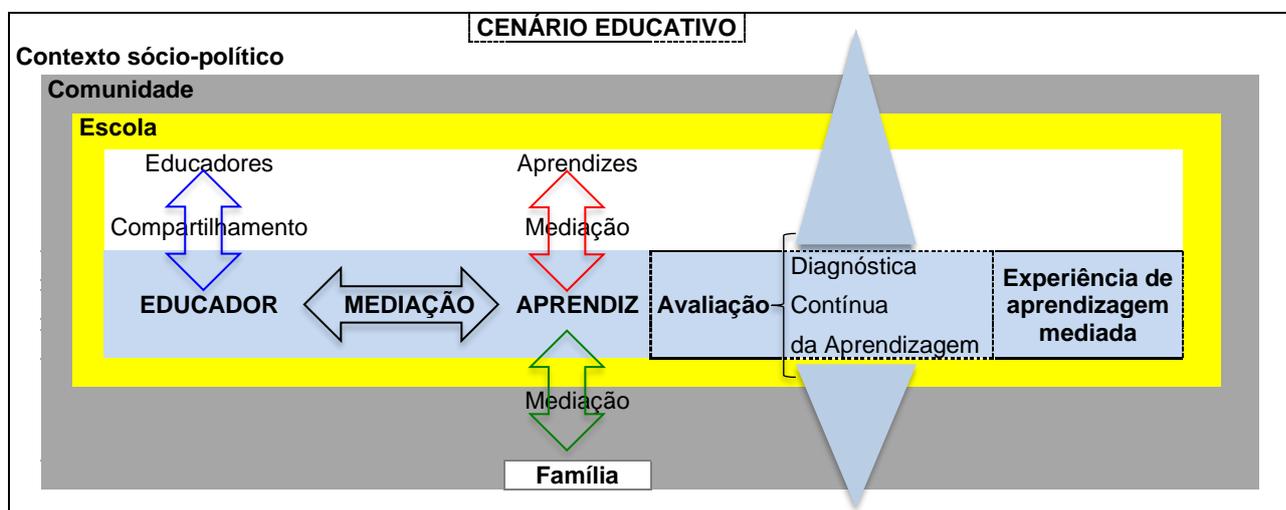
A análise descritiva do cenário educativo deve levar em consideração as características interdependentes de dois aspectos chaves:

(1) aspectos sociais, que abrangem os condicionantes históricos, a conjuntura política, a realidade econômica e o contexto cultural, assim como a influência que exercem sobre a comunidade em que a escola está inserida; e

(2) aspectos escolares, que se relacionam com os recursos pedagógicos disponíveis para a ação educativa, como também, com o conjunto das interações estabelecidas entre as pessoas que compõem cada um dos seus segmentos e dos segmentos entre si: professores, estudantes e familiares.

Pautada nessa compreensão global do cenário educativo, que orienta o processo de tomada de decisão sobre *o quê, para quê e como* educar, dedicamo-nos à discussão pormenorizada sobre as contradições e os determinantes político-sociais que podem, de alguma maneira, interferir no processo de mediação entre educador e educando e comprometer a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

O diagrama a seguir fornece uma ilustração das relações existentes entre esses aspectos chaves do cenário educativo.



Ciclo de mediação

A segunda parte da análise proposta pela linha de pesquisa sobre a flexibilização educacional na educação física dirige-se para os aspectos pedagógicos presentes no conceito de ciclo de mediação. A análise da proposta pedagógica parte do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem ocorre como parte de uma

Experiência de Aprendizagem Mediada, a partir da qual o professor se envolve na construção eficaz de estratégias de ensino adequadas, para que todos tenham acesso a atividades significativas que contribuam, de maneira eficiente, para a promoção de um efetivo desenvolvimento humano e social.

Portanto, pautado nos princípios da teoria de Feuerstein (1991), o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada subsidia a construção de estratégias de ensino individualizadas comprometidas com uma perspectiva inclusiva da Educação Física escolar. De acordo com essa perspectiva, compete ao professor construir o processo de mediação pedagógica de maneira a viabilizar que o estudante assuma um papel ativo ao longo da aprendizagem e, progressivamente, tenha condições de ser sujeito do seu aprender e de apresentar um desempenho cada vez mais independente.

O conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada pressupõe que a aprendizagem ocorre como a ação consciente de um sujeito, que se forma ao longo de uma experiência sociocultural de mediação com outro sujeito. Trata-se, portanto, de uma interação que se caracteriza como bidirecional, pois pode iniciar a partir da ação de qualquer um dos sujeitos, seja o professor ou o estudante.

O princípio geral que norteia o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada é que a ação de educar inicia a partir de uma ação humana intencional, que está associada a diversos significados. Existem significados que são atribuídos pelo próprio sujeito, que coexistem com significados advindos do contexto sociocultural e significados interpretados ou atribuídos pelos outros sujeitos. Para que o processo de mediação resulte em uma aprendizagem efetiva, é preciso construir um ciclo de compartilhamento dos significados, e de suas interpretações, entre o professor e o estudante.

A mediação entre educador e educando, portanto, deve ser entendida como elemento central para que a atividade educativa alcance a sua finalidade primordial, o processo de humanização do estudante e, secundariamente, para que o processo de aprendizagem de saberes, de competências e de atitudes transcorra como parte das possibilidades dialéticas de comunicação entre educador e estudante ao longo da atividade educativa.

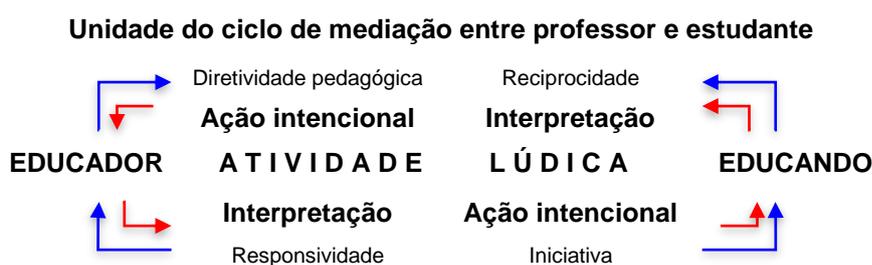
O processo de mediação requer, portanto, o diálogo entre os sujeitos, que ora atribuem significados que exprimem a sua intenção, ora interpretam os significados

atribuídos pelo outro. Um ciclo completo de mediação pode ser descrito pelo encadeamento de quatro fases, nas quais cada sujeito desempenha, pelo menos uma vez, as funções relacionadas com a expressão de uma intenção e a interpretação do significado da ação do outro, ou seja: (1) sujeito 1 – ação intencional; (2) sujeito 2 – interpretação da ação; (3) sujeito 2 – ação intencional de resposta, e (4) sujeito 1 – interpretação da resposta.

Quando a ação intencional é uma iniciativa do professor, caracteriza-se como diretividade pedagógica, ou seja, o professor apresenta uma atitude consciente para envolver o estudante no processo de planejar a solução de uma situação problema apresentada no formato de um jogo. Quando a ação é uma iniciativa do estudante, caracteriza-se como parte de seus conhecimentos e experiências anteriores e é denominada como ação intencional, ou seja, o estudante demonstra as suas habilidades e interage, ora com o contexto ora com o outro.

Quando o estudante interpreta, é receptivo e responde de forma adequada à diretividade pedagógica do professor, demonstra ter reciprocidade. Quando o professor está atento, interpreta e responde de forma adequada à ação intencional do estudante, essa habilidade é descrita como responsividade.

O diagrama a seguir descreve as fases do ciclo de mediação de acordo com quem tem a iniciativa do processo, e explicita a definição dos conceitos de Responsividade e Reciprocidade.



O ciclo de mediação permite identificar os entraves que normalmente comprometem o processo ensino-aprendizagem. Quando, por exemplo, o educador utiliza de maneira equivocada sua diretividade pedagógica e direciona a interpretação do significado de sua ação intencional para uma solução específica da situação lúdica apresentada ao estudante, rompe-se o ciclo de mediação, tendo em vista que o educando é sujeitado e perde a sua condição de dialogar.

Outro exemplo é a ausência, por parte do educador, de uma postura responsiva, ou seja, a iniciativa do processo ensino-aprendizagem sempre é uma ação intencional do educador, que não se mostra capaz de ouvir, entender e responder às situações lúdicas propostas pelo(s) educando(s).

Da mesma forma, o ciclo de mediação também pode ser interrompido em função de atitudes inadequadas do educando, quando não demonstra reciprocidade, ou seja, disposição de participar na construção do jogo, a partir da sugestão inicial do educador, ou quando se silencia, e não adota uma postura ativa de iniciativa na proposição de jogos que iniciem a mediação com seus pares e com o educador.

A análise de como ocorre o ciclo de mediação na situação educativa escolhida no presente estudo para a análise do processo de flexibilização educacional fornece subsídios importantes para a reflexão sobre as modificações e novas possibilidades didáticas que podem ser utilizadas pelo educador para reconstruir uma experiência de aprendizagem mediada.

Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada

Além da análise das quatro fases do ciclo de mediação, a teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada descreve recursos auxiliares que contribuem para que o professor construa adequações didáticas que culminem no sucesso do processo ensino-aprendizagem: (1) regulação do nível de dificuldade, (2) utilização de estratégias de motivação para a participação, (3) utilização de meios para mobilização da atenção do educando para o tipo de atividade a ser realizada.

A regulação do nível de dificuldade da situação problema proposta como conteúdo durante a atividade educativa pode se dar em dois sentidos antagônicos: (a) regulação da atividade à competência do educando, quando o educador modula a dificuldade do problema, tornando-o mais simples, de maneira a corresponder ao potencial de aprendizagem do educando, e; (b) apresentação de um desafio para o educando, quando o educador aumenta a dificuldade do problema, tornando-o mais complexo ou substituindo o tipo de problema, de maneira a criar um desequilíbrio em relação às aprendizagens já adquiridas, de forma a criar a necessidade do educando desenvolver novas habilidades.

A utilização de estratégias de motivação do educando pode ser realizada de três maneiras diferentes, mas, complementares entre si, todas relacionadas com o

conceito de motivação extrínseca: (a) elogiar a dedicação do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a resiliência do educando, recompensa-o pelo empenho na busca de uma solução da situação problema; (b) destacar as mudanças do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a percepção subjetiva de competência do educando, comunica, de maneira compreensível para o educando, que ele obteve sucesso na aprendizagem, e; (c) envolvimento empático-afetivo com o educando, quando o educador é capaz de demonstrar para o educando, por meio de expressões corporais, gestuais e verbais, o seu envolvimento e o seu prazer na convivência com o educando durante a atividade educativa. Mas, atenção, nenhuma das alternativas motivacionais está relacionada com o resultado da atividade educativa, e sim, com o processo de construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

A mobilização da atenção do estudante envolve duas estratégias de caráter mais cognitivo e diferenciadas entre si, primeiro, (a) a experiência partilhada, quando o educador se dispõe a buscar a solução do problema junto com o estudante, ou seja, os dois agem de forma cooperativa, e; (b) a transcendência, quando o educador transcende o contexto imediato do problema, relacionando a atividade a ser realizada com os conhecimentos prévios do educando, ou, recorrendo a um apoio conceitual que subsidie a busca de uma solução operacional. Essas duas possibilidades são as que mais se aproximam do conceito de “dica”, proposto por Vygotsky para a identificação da zona de desenvolvimento proximal. Da mesma maneira, a participação do educador, nesse caso, não pode ser no sentido de fornecer a resposta ao educando ou de assumir a liderança da atividade, deixando o educando em uma posição passiva. Compete ao educador mediar a aprendizagem e fornecer orientações que mobilizem a atenção do educando para o tipo de problema a ser resolvido.

A compreensão do problema é o primeiro passo para a descoberta autônoma da solução.

Sujeito	Etapa	Ciclos	Recursos auxiliares
Educando	Ação intencional	1	A. regulação do nível de dificuldade
Educador	Responsividade	2	
Educador	Diretividade pedagógica	3	
Educando	Reciprocidade	4	
Educador	Diretividade pedagógica	1	B. utilização de estratégias de motivação
Educando	Reciprocidade	2	C. mobilização da atenção
Educando	Ação intencional	3	
Educador	Responsividade	4	
			A1. regulação à competência
			A2. desafio
			B1. elogiar
			B2. mudança
			B3. envolvimento afetivo
			C1. experiência partilhada
			C2. transcendência

Um aspecto importante a ser destacado na proposta educativa de Vygotsky: muito mais do que aprender determinados conhecimentos ou desenvolver certas habilidades, o educando também aprende, e, principalmente, a lidar com o processo de aprendizagem. Os recursos auxiliares, portanto, não são estratégias exclusivas dos educadores. Os educandos aprendem a aprender e aprendem a colaborar com os outros para que aprendam. Em outras palavras, os educandos, ao final do processo ensino-aprendizagem, desenvolvem competências equivalentes a dos educadores, assim como, jogadores que desenvolvem uma inteligência de jogo, alcançam uma compreensão do jogo e da tática equivalente a do treinador.

Portanto, a análise teórica do presente estudo está diretamente relacionada com a articulação desses conceitos-chaves: flexibilização educacional para individualização do processo ensino-aprendizagem; leitura crítica das contradições sociopolíticas do cenário educativo; avaliação do ciclo de mediação entre educador e educando; e, os recursos auxiliares para a construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

Métodos

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, na medida em que se dispõe a refletir sobre as questões que estão presentes no cotidiano da atividade educativa e, muitas vezes, permanecem sem respostas. Possui um caráter qualitativo, pois, dedica-se a análise do processo de mediação para o ensino-aprendizagem em uma situação educativa em particular.

A partir da compreensão das características do educando, e, consciente dos objetivos que direcionam a atividade educativa, o pesquisador vai refletir sobre as estratégias didáticas e as adaptações que podem ser realizadas para que o educando, a partir das experiências vividas, desenvolva suas habilidades ou adquira novos conhecimentos sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade que o cerca.

O objeto de estudo, portanto, é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vivenciadas pelos educandos e subsidiar os educadores na busca de uma solução para o desafio de promover a aprendizagem e estimular o desenvolvimento humano. (Lankshear e Knobel, ano).

O primeiro passo é a aproximação com a realidade educativa. Quando o estudo é sobre a própria atividade educativa, o educador assume, paralelamente, o papel de pesquisador. Quando estudamos a atividade educativa de outro educador, mesmo assim, nos identificamos com ele e não deixamos de ser educadores que estudam educadores e, portanto, nossas práxis educativas.

Desse envolvimento privilegiado com a atividade educativa, aguardamos, de forma assistemática, o momento em que uma situação educativa em particular nos chama atenção. Em seguida, observamos com atenção e realizamos uma descrição da situação educativa da forma mais detalhada possível. O registro da atividade é contínuo, ou seja, descreve os eventos na mesma sequência em que ocorreram. O relato deve priorizar as percepções do pesquisador e as percepções compartilhadas pelos atores envolvidos, de forma espontânea ou por meio de conversas informais durante ou após o evento.

Como a análise se restringe a uma determinada situação educativa, pode ser considerada como um estudo de caso, o que para nós é suficiente. A finalidade do estudo é contribuir para o aprimoramento da qualidade da educação, ao estimular o educador e refletir sobre os diferentes aspectos que interferem no planejamento e na execução da atividade educativa. Sendo assim, o interesse de estudo se dirige para

o processo de construção das alternativas didáticas, e não para as soluções que se mostraram eficientes nesse momento. As soluções válidas em uma situação, revelam-se inadequadas em outras, e, até mesmo, na mesma situação, com as mesmas pessoas, mas, em outro momento. Porém, se o educador é capaz de repetir o processo de análise das situações educativas, com certeza vai ser capaz de encontrar novas e adequadas soluções.

Uma vez selecionada a situação educativa a ser analisada, as duas primeiras tarefas a serem realizadas são: a descrição do cenário educativo e a descrição pormenorizada da própria situação educativa.

A descrição do cenário educativo não tem um objetivo em si mesmo. Por isso, é importante definir primeiro a situação educativa, pois, a principal função do cenário educativo é contribuir para a compreensão do contexto no qual a situação educativa está inserida. A descrição deve conter os aspectos mais relevantes e diretamente relacionados com a situação educativa, fornecendo-lhe uma conjuntura que esclarece os elementos que exercem influência sobre ela e a determinam.

Além de contribuir para uma compreensão ampla e crítica da situação educativa, o cenário educativo viabiliza ao pesquisador a opção, caso necessário, de uma leitura radical dos interesses ideológicos, políticos e econômicos que precisam ser desvendados. A flexibilização educacional, ao preconizar que sempre é possível encontrar alternativas para garantir o sucesso da aprendizagem para todos os educandos, não pretende abster-se de uma análise que aponte para a necessidade de transformação da realidade social, como um todo, e educacional em particular.

A descrição da situação educativa, por sua vez, deve fornecer uma riqueza de detalhes que permita ao leitor reconstituir os eventos. É importante fornecer informações sobre: o contexto institucional no qual estão inseridos, a natureza das atividades que estão sendo realizadas, a infraestrutura física e material disponível, os atores que estão envolvidos, os papéis que desempenham, os objetivos educacionais a serem atingidos, o conteúdo a ser trabalhado, as estratégias didáticas utilizadas.

Por uma questão de respeito às pessoas e instituições, a descrição deve primar, sempre que possível, pelo caráter positivo das atitudes e decisões, de forma a evitar suposições indevidas e nunca assumir um tom depreciativo ou de censura para as atividades educativas realizadas pelos educadores e educandos observados.

Se queremos dialogar com os educadores e apresentar alternativas que contribuam para a melhoria da qualidade de ensino, a relação deve estar pautada no respeito.

Com esses procedimentos, que podem, caso seja necessário, serem complementados por análise documental, entrevistas adicionais e novas observações, encerramos a coleta de dados e iniciamos a análise e discussão teórica sobre a situação educativa.

Resultados

É de praxe iniciar a discussão pela análise teórica da hipótese que norteia a interpretação dos resultados da pesquisa. Nossa hipótese, em termos gerais, pode melhor ser descrita como o compromisso político-pedagógico com a construção de recursos didáticos que sejam tanto adequados como apropriados para promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos.

Se, em um primeiro momento, o educador está diante de uma dificuldade que compromete a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, vamos nos dedicar a análise da situação educativa para apontar novas possibilidades didáticas e criar experiências de aprendizagem mediada significativas para todos os envolvidos na atividade educativa.

Nossa hipótese, portanto, é de que a flexibilização educacional sempre é possível. Não é nosso objetivo testar as soluções didáticas apontadas como uma alternativa viável para cada caso. Essa lógica experimental exige tempo, como também, afasta-nos da realidade do cotidiano da escola, pois, exige do educador a preocupação com o controle de variáveis e com o registro de dados, atividades que se revelam onerosas para quem tem que conciliar essas obrigações acadêmicas com as demais obrigações típicas da atividade educativa.

É preciso considerar que, independente das alternativas didáticas sugeridas serem ou não efetivas para promoção da aprendizagem e do desenvolvimento dos educandos, o mais importante não é a solução em si, mas, a reflexão sobre os diversos aspectos que possibilitam a flexibilização educacional. Não procuramos garantias de que as metodologias propostas são efetivas.

Nos dedicamos, continuamente, a avaliar, de forma criteriosa, o potencial de aprendizagem e desenvolvimento do educando para definir objetivos, conteúdos e métodos educacionais condizentes com seus interesses e necessidades para, ao final dessa etapa, novamente dedicar-se à avaliação da eficácia, eficiência e efetividade do processo de mediação.

Não se quer com isso afirmar que essa é a solução para o problema, pois, na verdade, geralmente, os problemas educacionais não têm uma causa única nem é possível encontrar uma solução que seja definitiva. A proposta é otimizar as condições de ensino de maneira a favorecer o alcance dos objetivos educacionais.

Essas experiências de aprendizagem vivenciadas entre educador e educando(s), transformam-se em novos elementos de análise, que retroalimentam o processo ensino-aprendizagem. A atividade educativa, dessa forma, passa a ter, intrinsecamente, a propriedade de ser flexível, pois, coloca-se a serviço do educando e da sua educação.

A flexibilização educacional, no entanto, não é uma mera intenção do educador, e sim um exercício teórico a partir de alguns conceitos-chaves. A análise da situação educativa inicia pela descrição do ciclo de mediação.

O ciclo de mediação está centrado no princípio de que a ação educativa pressupõe o envolvimento de dois sujeitos, que assumem papéis diferenciados ao longo do processo, mas, que não podem ter suas possibilidades de ação restringidas pela forma como as aulas são conduzidas. A análise da situação educativa, portanto, será feita, inicialmente, pela descrição das ações que caracterizam, concretamente, o ciclo de mediação existente entre educador e educando(s), com destaque para a direção em que as experiências de aprendizagem mediada ocorrem: do educador para o educando, ou, do educando para o educador.

Os relatos que normalmente ouvimos sobre as dificuldades vivenciadas pelos educadores para construir o processo de mediação com os educandos se caracterizam pelo esgotamento das alternativas de ação, a ponto de o professor não ter mais ideias sobre o que fazer. Sendo assim, após descrever os eventos que marcam a situação educativa, é preciso identificar o momento em que ocorre a interrupção do ciclo de mediação entre educador e educando.

Todas as reflexões realizadas até esse ponto estão dedicadas a melhor compreensão possível das dificuldades a serem superadas. Não é possível discutir as alternativas didáticas quando a situação-problema a ser resolvida não está claramente explicitada. De outra maneira, corremos o risco de sugerir adequações que não contribuem para melhoria da qualidade de ensino.

<p align="center">Descrição do Cenário Educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conjuntura sociopolítica e comunitária • Ambiente familiar • Contexto escolar
<p align="center">Descrição da Situação Educativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Educador e Educando(s) • Proposta pedagógica • Situação educativa selecionada

Contexto

Planaltina é uma das comunidades tradicionais que existiam ao redor da área que foi escolhida para a construção de Brasília, capital federal. Foi criada em 19 de agosto de 1859 e está localizada a 38 quilômetros do centro de Brasília. Conforme os dados da PDAD (2015), a população urbana estimada é de 189.412 habitantes, o que a posiciona como a 4ª zona eleitoral em número de eleitores dentre as 21 zonas que compõem o entorno de Brasília. De acordo com a Rede Social Brasileira por Cidades Justas e Sustentáveis, o Índice de Desenvolvimento Humano é de 0,764, classificado como Alto¹.

Sendo assim, Planaltina é uma das cidades mais antigas do Distrito Federal e é conhecida pelas suas festas tradicionais como a Folia do Divino Espírito Santo, a Via Sacra do Morro da Capelinha e o Vale do Amanhecer. As maiores atrações para os turistas são a Igreja de São Sebastião, a Igreja Matriz e o Museu Histórico e Artístico de Planaltina. Para a comunidade local, existem duas praças que se destacam pela realização de eventos culturais e esportivos, a Praça dos Estudantes e a Praça São Sebastião. No ano de 2017, foi inaugurado o Centro Olímpico de Planaltina, um equipamento público da Secretaria de Esporte do DF que tem por finalidade favorecer o contato da juventude com o esporte.

Segundo dados da CODEPLAN, 25,2% da população frequenta a escola pública e 3,8% a escola particular. com os indicadores sociais e econômicos, 47,5% da população exerce atividade remunerada e 19,0% é estudante. O índice de desemprego em 2015 era de 9,7%. O meio de transporte mais utilizado pela população para se deslocar até o trabalho é o ônibus, que corresponde a 51,68%.

¹De acordo com a classificação do PNUD, o IDH varia de 0 a 1, e quanto maior for o número, maior será o desenvolvimento humano: IDH muito elevado é de 0,800 a 1; IDH elevado de 0,700 a 0,799; IDH médio de 0,555 a 0,699; e IDH baixo é menos que 0,555.

Analisando os dados da Codeplan (2015), percebe-se o nível de escolarização da Educação Básica corresponde a 37.647 pessoas equivalente a 19,86% da população, já a Educação Superior completa refere-se a 10.954, o que corresponde a 5,78% da população de Planaltina.

De acordo com o site da Secretaria de Educação do Distrito Federal, Planaltina possui 65 escolas públicas contando com as escolas rurais. Além de Unidades Básicas de Saúde e um hospital público.

De acordo com o Codeplan, em 2010, a população de pessoas com deficiência era de 37.507 pessoas em Planaltina-DF. No campo da Educação, Planaltina-DF tem o Centro de Ensino Especial e escolas públicas com atendimento inclusivo.

De acordo com informações contidas no Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Especial 01, a população de Planaltina convive com os problemas de violência urbana típicos da nossa sociedade, marcada pela marginalização da juventude a partir de sua exclusão da escola e, conseqüentemente, do mundo do trabalho. Dentre os compromissos que marcam o papel da escola diante dessa realidade social adversa, estão a discussão da atual crise de valores, no sentido de uma valorização da ética, como também, a reflexão crítica sobre as tensões que marcam nosso cotidiano. Na escola existem alunos que moram nos bairros mais pobres da cidade, e, também, alunos que moram na área rural de Planaltina.

A comunidade escolar se caracteriza pela diversidade de condição familiar no geral, porém, o que mais predomina na escola são famílias de renda baixa, na qual moram em bairros mais vulneráveis, como por exemplo, Roriz, Arapoangas e Estância. Além disso, existem pais, principalmente as mães, que não trabalham e que vivem em função do filho. Já que muitas mães não trabalham, então foi criada uma sala na escola para fazerem atividades manuais, como bordado e crochê. Diante dessa realidade social, a família dos educandos com deficiência possui um baixo nível de escolaridade, e se destaca pela proximidade com a escola, envolvendo-se com a realização de gincanas e outros eventos de confraternização.

Temos poucas informações sobre os familiares dos estudantes, mas, o que se sabe da família do Enzo (pseudônimo) é que os pais são separados há muitos anos e ele mora com a mãe. A família é de classe baixa, onde os pais não possuem ensino

superior. A mãe trabalha autônoma vendendo roupas íntimas e produtos da Natura. Utilizam transportes públicos e os micro-ônibus da escola.

O que se sabe sobre a educanda com deficiência auditiva é ela mora na área rural de Planaltina-DF. Outra coisa é que no dia que realiza atividade complementar na escola CEE 01 a mãe fica na escola esperando. A educanda é animada, inteligente, brincalhona e divertida. Durante a aula, ela está sempre interessada em conversar e brincar com os demais educandos.

Contexto Institucional

O cenário educativo a ser estudado trata-se da escola Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina-DF (CEE). Oferta as modalidades de ensino da Educação Especial de acordo com a Orientação Pedagógica e Estratégia de Matrícula incluindo Educação Precoce, Ensino Profissionalizante, Oficinas Pedagógicas, SOT – Serviço de Orientação para o Trabalho e Atendimento Paraolímpico de Basquetebol em Cadeira de Rodas, dando no total de 118 turmas e com um quantitativo de 472 alunos. O CEE atende alunos a partir de zero anos em diante, onde permanece na escola alunos com mais de 40 anos de idade.

Segundo dados do Projeto Político-Pedagógico, o CEE compreende a educação como uma construção coletiva permanente, pautada nos princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito, valorização da vida na diversidade e na busca do conhecimento. Nessa perspectiva, utiliza-se de uma metodologia cooperativa e participativa, que contribui na construção da autonomia moral e intelectual de todos os envolvidos no processo educativo, buscando humanização e a mudança social.

O CEE segue uma proposta de escola de qualidade, democrática, participativa e comunitária, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento da pessoa com deficiência preparando-a para o exercício da cidadania de forma plena.

Essa escola surgiu devido a demanda da cidade, onde por meio de uma pesquisa realizada pela Comissão Jovem Gente como a Gente concluiu que em Planaltina-DF tinha em torno de novecentas pessoas com deficiência que necessitavam de atendimentos escolares em idades que variavam de zero a trinta anos. Diante dessa demanda, a Escola Classe nº 02 foi submetida à inspeção técnica da FEDF e teve parecer favorável segundo o laudo da DEA/FEDF, com isso a escola

passou a funcionar, desde o ano de 1990, como Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina

Nos dias de hoje, o Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina é uma instituição da SEDF, escola de referência em qualidade de educação, que busca cada vez mais atender o estudante com deficiência e sua família, num resgate da cidadania, para tanto, o CEE 01 de Planaltina funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno.

No geral a escola possui uma boa estrutura para receber os alunos e para realizar as atividades. Se comparar com as demais escolas públicas de Planaltina é uma das melhores escolas devido às suas instalações físicas, por ter uma quadra poliesportiva coberta e piscina. Além de possuir materiais para fazer várias atividades.

Para as aulas de Educação Física possui uma estrutura com uma quadra de esportes, uma piscina, um parque de areia, duas salas para desenvolver atividades psicomotoras e uma sala para educação precoce.

Na escola tem diversos materiais de boas qualidades para utilizar nas aulas de Educação Física, como bolas (futebol, voleibol, basquetebol), bambolês, pneus, colchonetes, pranchas de natação, espaguete de natação, brinquedos flutuantes, brinquedos para piscina, dominó, xadrez, dama, mini cama elástica, dentre outros. Com toda essa descrição o que se percebe é que a escola tem boas condições para o trabalho, ou seja, tem material, tem estrutura e tem bons professores.

Sujeitos

- **Educador e Educandos**

Na área da piscina são 7 professores do turno matutino e 7 do turno vespertino. Os professores atendem até no máximo 3 alunos por horário. A duração da aula é de 50 minutos. São atendidos alunos que fazem Atendimento Complementar/PAI na escola e alunos com DI/TDG/DMU.

A educadora que estava acompanhando os dois alunos da situação educativa é novata na escola e estava inserida na escola por meio do Contrato Temporário. Tinha 25 anos e era o primeiro ano trabalhando naquela escola. A educadora, no início da aula, coloca os alunos para realizar algumas atividades dentro da água, como mergulhar para pegar objetivos e nado crawl com a prancha, porém no decorrer da aula os alunos se dispersam já que a piscina fica cheia de alunos, então acaba que a professora deixa livres para brincar e interagir com os demais estudantes.

O educando Enzo (nome fictício), que manifestou o interesse de aprender a falar seu nome na Língua Brasileira de Sinais, tem 28 anos de idade e que estuda a mais de 10 anos na escola. Possui esquizofrenia e recebe auxílio do governo. Já apresentou comportamentos delinquentes na própria escola, como roubar pertences de professores e alunos.

Por ser forte e alto, às vezes apresenta um comportamento ameaçador no contato social, e possui um histórico com registro de agressão a professores e funcionários da escola, chegou a ser preso por assaltar uma pessoa, portando uma faca. Devido esses incidentes, foi afastado da escola, mas, atualmente, como parte de uma iniciativa de ressocialização, a direção da escola está empenhada em promover a sua inclusão escolar e social.

Enzo realiza atividades de alfabetização individualizada com uma única professora, e, nas demais atividades, tais como música, teatro, piscina, horta e culinária está incluído em outras turmas. As dificuldades citadas acima comprometem o atendimento pedagógico feito pela professora, que, em momentos de conflito de interesse, opta por deixar o aluno mais à vontade para fazer o que prefere. Por esse motivo, afirma não conseguir realizar muitas atividades pedagógicas dentro da sala.

No caso da educanda Maria (nome fictício), com deficiência auditiva, pouco se sabe dela. Realiza atividades complementares na escola, o que compreende: educação física, horta e informática. Estuda em uma escola pública inclusiva. Ela não é totalmente surda, e, como não convive com pessoas surdas, não sabe se comunicar pela Língua Brasileira de Sinais. Possui uma fala, mas ininteligível. Comunica-se por meio da emissão de alguns sons e gestos. Tem aproximadamente 12 anos de idade. Existem comentários que ela vai começar a usar o aparelho auditivo. É uma aluna sorridente, tocava nas pessoas e estava sujeita a interação e ao contato social.

Atividade

A Pedagogia da Água foi criada como o objetivo de melhorar a qualidade de vida por meio da estimulação sensória motora na água. Busca também a interação entre os estudantes, socialização, autonomia e desenvolver habilidades psicomotoras na água.

A educadora era professora apenas da educanda com deficiência auditiva, mas, naquele dia, estava responsável também por acompanhar o educando com esquizofrenia, porque sua professora tinha faltado.

É preciso considerar, portanto, que Enzo e Maria não fazem parte de uma turma. Eles estavam juntos em função de uma eventualidade. Por ser algo inesperado, a educadora não tinha um planejamento para aquela situação, logo, deve ter seguido a aula prevista para Ana, com alguns ajustes para garantir a participação de Enzo que estava sem professora.

A condução da aula foi realizada por meio de orientações verbais e gestos, utilizados pela professora para explicar as atividades a serem feitas. O conteúdo que estava sendo abordado no dia da observação era voltado para educativos técnicos com a prancha para o aperfeiçoamento do nado crawl.

Histórico

No contexto da piscina percebe-se que a intenção dos professores é que os alunos percam medo da água e que naquele ambiente os alunos se socializam e brincam com demais alunos de outras turmas. Os professores, no geral, são bastante carinhosos com os alunos. A metodologia de ensino é bastante flexível, o que deixa evidente que o maior objetivo da pedagogia na água é a socialização entre os estudantes.

Cenário Educativo	
Contexto	
Social	Planaltina-DF, Região Administrativa do Distrito Federal, localizada na periferia de Brasília, população de 190.450, com a Renda Per Capita Média Mensal 933,80 e o IDH é de 0,764. Estando a 38km do centro Plano Piloto.
Político	A população tem acesso aos serviços públicos de saúde e educação. Os educandos são atendidos em escolas regulares e realizam atividades complementares no Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina-DF.
Cultural	A cidade é conhecida pelos seus eventos religiosos e por existir antes que a capital, Brasília, fosse construída.
Realidade	
Comunitária	O custo de vida é baixo. Muitos estudantes residem em bairros da periferia, com maior índice de insegurança pública, criminalidade e tráfico de drogas. O acesso ao lazer e à segurança pública é semelhante a realidade das cidades satélites de Brasília, que assumem a característica de cidades dormitório e convivem com uma cultura local e com as atividades oferecidas pela capital.
Familiar	O contexto familiar é bem variado, porém o que predomina em sua maioria são famílias com um baixo nível socioeconômico.
Institucional	O Centro de Ensino Especial de Planaltina é uma escola pública que possui uma infraestrutura adequada e boa, quando comparada às outras escolas da cidade. E a escola está localizada em uma área escolar no centro de Planaltina.
Sujeitos	
Educadora	Feminino, 25 anos, professora de Educação Física, primeiro contrato temporário. O sonho da educadora é ser policial.

Educadores	Todos são professores de Educação Física, que acompanham no máximo 3 alunos na piscina.
Educando	Feminino, 12 anos, com deficiência auditiva, comunicativa; estudante sob a responsabilidade da educadora. Masculino, 28 anos, esquizofrênico, recebe auxílio do governo, e possui um histórico marcado por delinquência; estudante de outra professora que faz a aula eventual em conjunto para não ficar sem atendimento.
Educandos	Alunos diagnosticados com deficiências múltiplas, deficiência intelectual, Transtorno Global de Desenvolvimento, Transtorno do Espectro Autista (TEA).
Turma/Grupo	Nas aulas de Educação Física na piscina o grupo é heterogêneo. O grupo é composto por alunos que realizam atividades complementares na escola, TEA, deficiência intelectual, deficiências múltiplas e o aluno com esquizofrenia. No caso em questão, a aula deveria ser individual, mas, terminou sendo realizada de forma inesperada, em dupla.
Atividade	
Objetivo	Desenvolver movimentos básicos para aprender a nadar.
Conteúdo	Educativos técnicos com prancha para aperfeiçoamento do nado crawl.
Métodos	As aulas na piscina são realizadas duas vezes na semana. Os alunos começam fazendo as atividades orientadas pela professora, mas como a piscina está lotada com os demais alunos dos outros professores, chega um ponto em que os professores acabam deixando que os alunos brinquem entre si.
Estrutura	
Física	Para as aulas de Educação Física tem uma piscina, uma quadra coberta, um pequeno campo de areia coberto e uma sala para desenvolver outras atividades.
Material	Na escola tem diversos materiais de boas qualidades para utilizar nas aulas, como bolas (futebol, voleibol, basquetebol), bambolês, pneus, colchonetes, pranchas de natação, espaguete de natação, brinquedos flutuantes, brinquedos para piscina, dentre outros.
Histórico	
Proposta	Perspectiva de formação de um ser humano ativo, garantir a construção de conhecimentos e valores para uma compreensão crítica e transformadora da realidade na qual estão inseridos.

Situação Educativa Selecionada

A situação educativa foi escolhida durante as atividades do Estágio Supervisionado I, realizadas no Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina-DF, no 2º semestre de 2017. O Estágio Supervisionado I que tem como objetivo principal aproximar o estudante de graduação em Educação Física com a realidade escolar, de maneira a permitir uma articulação entre a teoria, discutida na universidade, com a prática vivenciada na escola.

Durante uma observação no Estágio Supervisionado I, no dia 15 de setembro de 2017, tinham vários alunos dentro da piscina, sob a supervisão de diversos professores. Dois alunos que estavam reunidos em uma mesma turma, realizando as

atividades sugeridas por uma mesma educadora, chamaram a minha atenção no momento em que tentavam se comunicar, um com o outro.

A compreensão do desdobramento dos fatos que se sucederam na aula depende do esclarecimento sobre o contexto no qual a aula está inserida. A educadora, nesse horário, ministra aula individual para Maria, mas, concordou em atender também ao Enzo que estava sem professora.

Em um certo momento da aula, Enzo interrompeu a realização da atividade proposta pela educadora para perguntar que gestos deveria utilizar para perguntar para Maria “Qual é seu nome?”. A professora respondeu que não se lembrava como faz essa pergunta em LIBRAS e, para estimular a retomada da atividade, prometeu olhar posteriormente no aplicativo do celular.

A aula transcorreu com variações da mesma atividade e a professora, ao final, não se preocupou em responder ao Enzo, que ficou sem saber como fazer para poder se comunicar com Maria.

Paralelo a esses acontecimentos, aproveitei a abertura concedida por alguns professores para entrar na piscina e interagir com outro educando. Maria, aproveitando a minha proximidade, aproximou-se e tentou conversar comigo. Como não conheço LIBRAS, fiquei sem reação, pois, não sabia o que fazer para conseguir me comunicar com Maria. Experimentei a mesma barreira de comunicação que foi alvo da pergunta do Enzo, e, como já tinha ouvido a resposta, não tive como perguntar para a educadora,

Quando acabou aquela aula fiquei bastante incomodada e reflexiva com aquele acontecimento, porque estava no mesmo espaço que a aluna, ela queria conversar e brincar comigo assim como os outros alunos estavam fazendo. E talvez por falta de experiência e criatividade não consegui me comunicar com aquela aluna. Além de que minha presença naquele ambiente poderia ter contribuído para esclarecer a dúvida do aluno Enzo, e favorecer a comunicação entre eles.

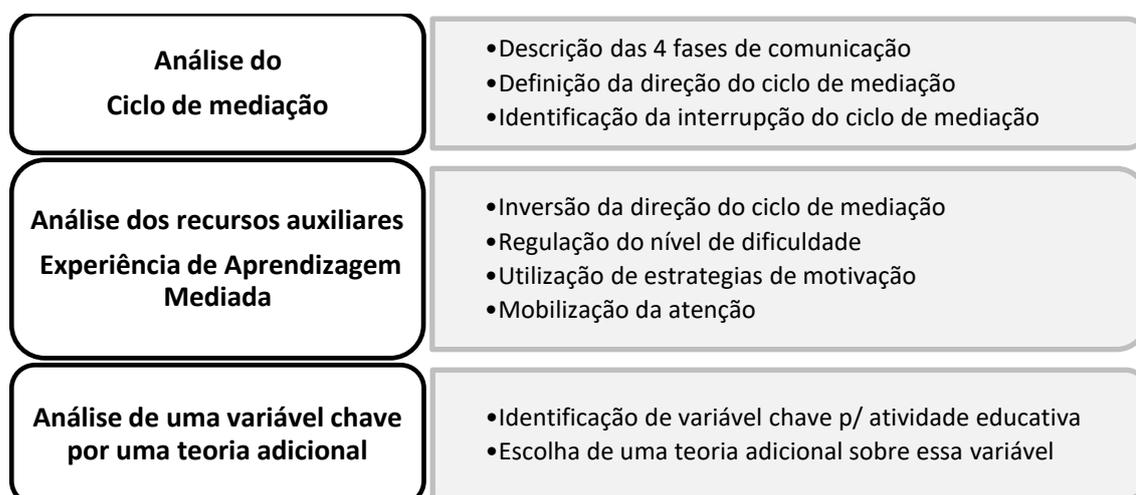
Como avaliar esses acontecimentos do ponto de vista da proposta teórica de Feuerstein e quais são as possibilidades de mediação que a professora poderia recorrer nesse contexto pedagógico? Qual é a responsabilidade da educadora e como poderia ter contribuído para a superação das barreiras de comunicação?

Sujeito	Etapa	Ciclos	
Educando	Ação intencional	1	O aluno Enzo pergunta para a professora como se fala “Qual é seu nome?” em Libras, pois ele estava interessado em conversar com Maria.
Educador	Responsividade	2	A professora entendeu a pergunta do Enzo, porém, afirmou que não lembrava quais eram os gestos em LIBRAS e se comprometeu a verificar posteriormente.
	Diretividade pedagógica	3	Após dar uma satisfação para Enzo, a educadora solicita que ele retome a atividade proposta.
Educando	Ação Intencional	1	A aluna Maria procurou a estagiária para conversar.
Estagiária	Responsividade	2	Estagiária não conseguiu entendê-la porque não sabia falar o idioma LIBRAS.

Análise e Discussão

Como a análise teórica envolve diversos conceitos e possui várias etapas diferentes, difíceis de serem compreendidas em um primeiro momento, optamos pela construção de um diagrama temporal que ilustra cada um dos momentos e permite a visualização da metodologia como um todo.

Na primeira coluna estão os aspectos teórico conceituais chaves e na segunda coluna, o detalhamento das atividades metodológicas, relacionadas a cada um dos conceitos da primeira coluna, a serem realizadas ao longo da pesquisa.



Vamos iniciar análise do ciclo de mediação, que corresponde ao último estágio de explicitação da situação educativa a fim de fornecer ao educador a compreensão de todas as nuances que de alguma maneira estão relacionadas com as dificuldades a serem superadas por meio da flexibilização educacional.

Análise do ciclo de mediação

Descrição das fases de comunicação

Ao descrever as fases do ciclo de mediação no primeiro momento da situação educativa em que ocorre a barreira de comunicação, verificamos que a intencionalidade é de Enzo, como também, no segundo momento, que a intencionalidade é de Maria. Nos dois casos, o objetivo era estabelecer uma interação social, ou seja, a expressão do desejo de realizar uma aproximação afetiva.

Sendo assim, precisamos considerar que, em toda ação educativa, existem momentos dedicados especificamente para o desenvolvimento do planejamento educacional, entremeados por momentos que tem por finalidade construir uma relação afetiva entre educador e educandos, ou entre educandos, que é essencial para mobilizar o interesse e despertar a motivação de todos os envolvidos.

A questão, no entanto, é quando, como e de quem é a responsabilidade para definir o que deve ser feito: cumprir o planejamento ou dedicar tempo para a aproximação afetiva entre os atores que participam da ação educativa?

A observação da aula evidencia que o método até então utilizado pela educadora era tradicional, quando a iniciativa pela escolha das atividades é da educadora, e a natureza do conteúdo é de orientação técnica, quando se descreve as atividades a serem realizadas e, após a execução, a educadora fornece orientações adicionais voltadas para aperfeiçoar as habilidades da natação.

É preciso considerar que a aula foi planejada para atender as necessidades de Maria, e Enzo foi inserido no processo de forma inesperada. A rigor, portanto, não se trata de uma turma, mas, de um mero e ocasional agrupamento. Sendo assim, a intenção de Enzo de se comunicar com Maria pode ter sido compreendida como uma interrupção inoportuna da aula que estava planejada, até mesmo porque eles raramente serão agrupados novamente.

O fato de a educadora não ter proximidade com Enzo, o que dificulta a sua avaliação sobre qual era a intenção dele com aquela iniciativa, somado à dúvida das vantagens decorrentes da aproximação entre a sua educanda adolescente, com um educando que tem um histórico de delinquência, podem ter resultado na decisão de, simplesmente, não permitir que isso acontecesse.

Esses comentários tem uma finalidade específica: demonstrar que parte dos meus sentimentos de incômodo e frustração diante da situação educativa estão relacionados muito mais com as minhas próprias expectativas e ansiedades, do que com uma análise crítica das decisões da educadora.

Quando retomamos a discussão sobre a barreira de comunicação, é preciso destacar que uma aula tradicional pode ser ministrada por meio da demonstração, quando o próprio educador executa para o educando ver o que deve ser feito, ou, de modelos, quando o educador chama atenção do educando para o que outro colega está fazendo e solicita que ele faça de maneira semelhante. Com esses recursos de comunicação, a educadora é capaz ministrar uma aula completa, porém, com pouco contato afetivo.

Foi suficiente, no entanto, a tentativa de um simples diálogo sobre questões de ordem subjetiva, em um contexto de interação social, que não está voltado para o cumprimento de tarefas, para que as barreiras de comunicação aparecessem de forma destacada. Como a educação não pode se restringir aos aspectos técnicos, o atendimento a educandos com deficiência auditiva requer da educadora a iniciativa de, em uma perspectiva de formação continuada, apropriar-se de competências que lhe permitam comunicar-se em LIBRAS.

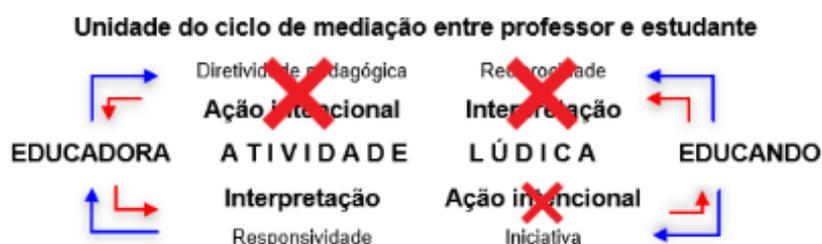
Definição da direção do ciclo de mediação

Como destacamos anteriormente, a situação educativa estudada não é parte da ação educativa em si, mas, da interação afetiva entre educador e educandos, algo, portanto, que fornece o pano de fundo da ação educativa. Devemos perguntar, portanto, em que medida a qualidade da ação educativa depende dessa interação afetiva?

Considerando que a aula observada faz parte do programa de Atendimento Educacional Complementar, que se caracteriza como um atendimento prestado de forma individual ou em pequenos grupos de até 3 educandos, a educadora dispõe de condições propícias para construir uma interação afetiva, o que amplia consideravelmente a possibilidade da construção de experiências de aprendizagem mediadas significativas.

A interação afetiva entre educadora e educandos coloca em destaque a necessidade de um investimento na formação dos professores que desenvolva a

capacidade de uma disponibilidade corporal para a proximidade física, como também, para que os educadores sejam capazes de se comportar de acordo com as necessidades dos educandos, e não de acordo com a sua vontade.



No caso da estagiária o ciclo de mediação se rompe bem antes, pois quando o educando vai em direção a estagiária para tentar se comunicar, a estagiária não consegue entender o processo de comunicação, rompendo o ciclo de mediação.



Análise dos Recursos Auxiliares: Experiência de Aprendizagem Mediada

Inversão do ciclo de mediação

A inversão do ciclo de mediação, nesse caso, implicava na aceitação da interrupção das atividades direcionadas pela educadora, para dedicar tempo e atenção para a comunicação entre os educandos e da educanda com a estagiária. A partir do momento que a educadora toma essa decisão, a questão deixa de ser o domínio do idioma em que a conversa será realizada, até mesmo porque, no caso de Maria, a falta de um convívio com pessoas surdas, faz com que ela também não conheça LIBRAS.

A disposição, por si só, para tentar aprender como é possível se comunicar e entender o outro, mesmo que com pouco sucesso, já marca o interesse, que é a questão central da interação afetiva. No caso de Maria, por exemplo, era suficiente que, mesmo sem entender o que ela falava, como também sem conseguir que ela me entendesse, nós tivéssemos olhado atentamente uma para outra, tentando utilizar

gestos ou mímicas, nos divertido com a situação, para que a comunicação tivesse sido efetiva, particularmente para dar conta da questão afetiva.

Recursos auxiliares de mediação

O próximo momento de análise da situação educativa selecionada, será norteado pelo conceito de experiência de aprendizagem mediada, a partir da reflexão sobre a conveniência do uso dos recursos auxiliares de mediação, propostos por Feuerstein (1991).

Conforme descrito no referencial teórico, Feuerstein (1991) propõe três tipos de recursos auxiliares: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade educativa a ser realizada: que permite ao educador, realizar uma avaliação das capacidades funcionais do educando, e optar pela (1a) redução ou (1b) ampliação do nível de dificuldade da atividade educativa de acordo com o potencial identificado; (2) a utilização de estratégias de motivação do educando: que permite ao educador comunicar ao educando (2a) o reconhecimento pela sua resiliência, (2b) informações positivas que desenvolvam uma percepção subjetiva de competência, e (2c) a satisfação de estarem compartilhando essa experiência mútua de aprendizagem; (3) a mobilização da atenção do educando para as características da situação problema a ser resolvida: que permite ao educador (3a) cooperar com o educando e (3b) estabelecer articulações entre a situação educativa em curso e outras experiência de aprendizagem mediada já vivenciadas anteriormente.

Regulação do nível de dificuldade

Como a situação educativa desloca a questão do eixo pedagógico para o afetivo, a regulação do nível de dificuldade é um recurso que perde o sentido, pois, não há uma aprendizagem específica a ser assimilada. Como um princípio, no entanto, é possível aplicar esse recurso à barreira de comunicação. Se o processo de comunicação está interrompido, uma alternativa é iniciar pelos diálogos mais simples. Essa afirmação evidencia que, a exemplo do que ocorreu nas duas situações, quando o nível de habilidade é mínimo, a regulação do nível de dificuldade não é suficiente para suscitar a retomada do ciclo de mediação.

Utilização de estratégias de motivação

Nesse caso, a busca pela aproximação efetiva é fruto da motivação intrínseca tanto de Enzo, de se comunicar com Maria, como de Maria de se comunicar comigo.

Se, nessas duas situações, mesmo que com o suporte de outras pessoas, ou com o “exercício” de gestos e mímicas sugerido anteriormente, a comunicação tivesse ocorrido, as estratégias de motivação poderiam ser aplicadas à superação das barreiras de comunicação.

A demonstração de interesse e a atenção concedida ao outro são estratégias que denotam o reconhecimento pela disposição e pela dedicação para aprender. Da mesma forma, conseguir dizer para o outro que ele tem facilidade para aprender, por exemplo, contribui para que o outro desenvolva uma percepção positiva de sua competência para se comunicar em LIBRAS. Isso sem contar com a importância de compartilhando alegremente essa experiência mútua de aprendizagem.

Mobilização da atenção

Esse recurso de mediação sugere que a educadora participe, de forma ativa e empática, da experiência de aprendizagem mediada proposta aos educandos. Quando a educadora realiza a atividade em conjunto com o educando, a cooperação se configura em uma estratégia didática que mobiliza os educandos para repetirem a atividade, apoiando-se na experiência e no conhecimento da educadora.

Os educandos precisam sentir que a educadora está pessoalmente engajada e preocupada com o sucesso da sua aprendizagem. É responsabilidade da educadora, na medida do possível, acompanhar o desenvolvimento dos educandos e estimular o diálogo para que todas as dúvidas e curiosidades dos educandos sejam devidamente esclarecidas.

Por último, a educadora pode utilizar o recurso de mediação que tem um caráter mais cognitivo: se o desafio é conseguir se comunicar com o outro, a educadora deve estabelecer uma articulação com outras experiências de aprendizagem mediadas já vivenciadas anteriormente pelos educandos, como por exemplo, a pesquisa por mímicas e gestos cujo significado que seja de domínio comum, ou, até mesmo, recorrer a leitura e escrita para superar as barreiras da oralidade.

Um aspecto a ser considerado, do ponto de vista metodológico, é a influência exercida sobre o comportamento da educadora pelo fato dela estar sendo observada, e conseqüentemente, avaliada, pela estagiária, que simboliza alguém proveniente da universidade, instituição que tem o respaldo da ciência.

No meu caso em particular, a experiência vivenciada no estágio confirmou o posicionamento profissional que costuma ser apresentado como crucial para o

sucesso da Educação Inclusiva: os desafios educacionais que colocam a educadora diante de suas limitações devem ser equacionados por meio da motivação para a busca de capacitação e formação continuada, pois, para corresponder às características de cada novo educando, a educadora vai ter a oportunidade de desenvolver novas competências que, somente se tornam efetivas, quando vivenciadas na prática.

Considerações Finais

O objetivo do estudo foi, principalmente, analisar as possibilidades de adaptação do ciclo de mediação com o intuito de poder enfrentar os problemas de comunicação entre a Educadora e os aprendizes e entre os aprendizes a luz das teorias de Vigostky e Feuerstein. Esse estudo permitiu repensar a comunicação para efetivar a qualidade da ação educativa.

Dessa forma podemos afirmar que as adaptações educacionais permitem o educador realizar ajustes no currículo, ou, na metodologia de ensino, ou, na avaliação da aprendizagem para atender as necessidades individuais de cada educando.

Com uma síntese da discussão dos resultados, apresentamos as seguintes recomendações:

- que os professores sejam estimulados a uma reflexão contínua sobre a sua ação educativa, de modo serem capazes de construir estratégias de mediação pedagógica que garantam a inclusão de todos e uma aprendizagem efetiva;
- que o compartilhamento de saberes e boas práticas entre os professores contribua para estimular a sua dedicação a uma análise crítica de sua ação educativa e a produção de conhecimentos pedagógicos;
- que o processo de formação de novos professores, especialmente a disciplina estágio supervisionado, acompanhe de perto os sofrimentos e as dificuldades da ação educativa, de maneira evitar o abandono precoce da carreira docente;
- que os professores estejam conscientes de seu compromisso com a formação continuada como parte dos requisitos para a melhoria da qualidade de ensino da educação física escolar.

Referências Bibliográficas

CANAL, C. P. P.; CUNHA, A. C. B. da; ENUMO, S. R. F; **Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna: um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set-Dez. 2006, p.393-412.

Centro especial 01 de Planaltina/ DF. **Projeto Político Pedagógico: “Um jeito novo de aprender, respeitando as diferenças e valorizando o ser.”** Coordenação Regional de Ensino de Planaltina. 2018.

CUNHA, A. C. B. da; FARIAS, I. M.; MARANHÃO, R. V. de A; **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada.** Rev. Bras. Ed. Esp., Set-Dez. 2008 v.14, n. 3, p.365-384.

ENUMO, S. R. F. **Avaliação Assistida para crianças com necessidades educacionais especiais: um recurso auxiliar na inclusão escolar.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set-Dez. 2005, v.11, p.335-354.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação.** Capítulo 1, Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC, **Saberes e práticas da inclusão,** Secretaria de Educação Especial, Brasília, caderno 4, 2003.

Pesquisa Distrital por amostra de Domicílio (PDAD). Planaltina. 2015. Em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Planaltina-1.pdf>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

SIQUEIRA, N. F.; TICIANELLI, G. G; **Psicologia e Esporte: o papel da motivação.** Ciência e Inovação, v. 1, p. 1, 2014.